

## A FORMAÇÃO INICIAL DE LEITE DE VASCONCELLOS: DO NATURALISTA AO INVESTIGADOR DE CIÊNCIAS HUMANAS

*Testemunho do Professor Doutor ORLANDO RIBEIRO\**

Nesta ocasião em que a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas reacende o valor da herança de Leite de Vasconcellos, a participação do Professor Doutor Orlando Ribeiro era imprescindível. Conheceu-o de perto e acompanhou-o nos seus trajectos. Tendo acesso a informações que lhe foram transmitidas, papéis íntimos e cartas de parentes conservadas no seu espólio e primeiros manuscritos, na sua maioria não publicados, transmitiu aspectos menos conhecidos da vida e obra de Leite de Vasconcellos. De entre a vasta bibliografia que lhe dedicou, o Professor Doutor Orlando Ribeiro destacou dois estudos onde salienta a actividade de Leite de Vasconcellos enquanto frequentou estudos superiores na Escola Politécnica e na Escola Médica, na cidade do Porto, para onde se deslocou no último quartel do século XIX, quando tinha dezoito anos. Aí radica uma contribuição original para o estudo das tradições populares e esta predilecção mantém-se no tema da dissertação que Leite de Vasconcellos apresentou no final do curso: “Evolução da Linguagem. Ensaio Antropológico”. Já então tinha uma vasta obra publicada de que se destacou o “Dialecto Mirandês” galardoado com um prémio internacional.

Influenciado pela forte formação interdisciplinar de Leite de Vasconcellos, eminente investigador da identidade regional, o Professor Doutor Orlando Ribeiro, Mestre de Geografia da “Escola de Lisboa” identificou nas tradições populares e regionalismos raízes da divisão regional de Portugal e transmitiu esta prática interdisciplinar alargada, reavivada e enriquecida. Eis o seu testemunho.

---

\* Transmitido a Paula Bordalo Lema

## JOSÉ LEITE DE VASCONCELLOS: DESPERTAR DE UMA VOCAÇÃO<sup>(1)</sup>

ORLANDO RIBEIRO<sup>(2)</sup>

Nascido na Ucanha, de uma família fidalga e pobre, em 1858, José Leite de Vasconcellos veio estudar para o Porto, graças a modesto emprego que lhe obteve um tio e à ajuda material de um primo abastado. A sua vocação, pressentida obscuramente na aldeia, entre vastas leituras, o gosto de antigualhas e a curiosidade da vida popular, iria revelar-se rapidamente neste ambiente novo e estimulante<sup>(3)</sup>.

Em 1876 ainda não existia o caminho de ferro do Douro. O percurso fazia-se de barco e não era isento de dificuldades e de riscos. No Inverno, o rio era caudaloso e, junto dos *pontos* onde a rocha aflora ou se aproxima da superfície das águas, era preciso manobrar com cautela e com destreza. Para o jovem José Leite esta era, a bem dizer, a sua primeira viagem. Correra as aldeias de Mondim, viria uma ou outra vez a Lamego, cidade vetusta e aninhada em roda da sua torre medieval, com ruas estreitas e tortuosas, de uma quietude do passado; no liceu local fizera exame de instrução primária, aos 12 anos. As visitas à parentela talvez o levassem aos lugares das duas margens do Douro por onde ela se encontrava espalhada. Em nenhum destes sítios ele saíra do seu ambiente familiar. Agora, porém, tudo era novo: a longa navegação pelo rio, as viçosas margens cobertas de vinhedos e ponteadas pelos edifícios das *quintas* caiadas de branco, a jusante de Barqueiros os fragões de granito e os pinhais e carvalheiras que, descendo até à borda do rio, dão a este trecho do vale um aspecto severo e grandioso.

---

(1) Anais Portugueses de Psiquiatria, XXI(18), 1969, Porto.

(2) Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

(3) Fontes principais deste estudo: informações transmitidas a M. Viegas Guerreiro e a mim, correspondência indicada na devida altura, primeiros escritos pela maior parte não publicados, papéis íntimos e cartas de parentes conservadas no seu espólio.



Quando, numa volta da corrente, surgiu o casario apinhado do Porto, coroado pelas torres das suas inúmeras igrejas, José Leite deve ter sentido o embate de um ambiente desconhecido e diferente. Como tantos outros atraídos pelo prestígio da grande cidade (no Norte, Lisboa é quase desconhecida) sabia que teria de lutar para vencer, de conquistar pelo esforço e pelo sacrifício o alvo das suas ambições. O criado que o acompanhava logo arranhou trabalho e se sumiu na multidão da cidade, quebrando-se assim o último vínculo que o prendia à terra e aos seus. José Leite ficou só, num mundo onde nada valiam os privilégios de casta e pouco as relações de família, armado apenas da sua invulgar tenacidade e de uma obscura mas firme confiança no seu destino.

Através das cartas dos pais e dos minuciosos relatos que José Leite Pereira de Melo mandou a sua mulher quando veio juntar-se ao filho, podemos reconstituir os primeiros tempos da sua vida no Porto. Esses tempos foram muito duros. O emprego no liceu era precário e o alojamento no colégio de um amigo só o conseguiria depois. Começara a estudar no colégio de São Carlos, onde depressa se distinguiu como o melhor aluno, e ganhava qualquer coisa minutando requerimentos e ajudando condiscípulos pouco mais novos do que ele; obtinha algumas lições de graça, angariando companheiros de estudo. O auxílio que conseguia dos parentes e o rendimento das propriedades que possuíam no Peral (Cadaval), administrados por um tio, era insuficiente; os meios materiais escasseavam-lhe, obrigando-o a lançar mão de qualquer serviço ocasional; recebia como presente dos pais um colete ou uma bengala mas tinha de se ir remediando com umas calças velhas e puídas do muito tempo que passava à banca de estudo. Aí permanecia até à meia-noite, pagando a luz do seu bolso. “Tudo é bom economizar”, recomendava-lhe a mãe, que lhe pede pormenores da cor de uma roupa nova e dos apetrechos indispensáveis que teve de adquirir. Servia-se de livros emprestados, outros mandava-lhos um tio do Peral, com quem, desde a aldeia, se correspondia exercitando-se em línguas estrangeiras. O pai lembra-lhe, mais uma vez, que se aplique especialmente no Latim que, na perspectiva da sua educação provinciana, aparecia como a chave de todo o saber. De facto, o jovem José Leite há-se tornar-se um dos melhores latinistas do seu tempo e, no apogeu da sua carreira, será o ensino desta língua que lhe abrirá as portas da Universidade de Lisboa. “Não te distraias dos estudos com os versos”, insistem os pais, receosos da inutilidade das suas primícias de escritor; mas, certa vez, uma poesia que acompanhava as

desejadas notícias, “foi regada com muitas lágrimas”. Começou um romance de que lhes ia remetendo capítulos; quando esse envio cessou, sentiram-lhe a falta, interessados pelo enredo<sup>(4)</sup>. As suas cartas não se conservaram; mas depreende-se que eram espaçadas e lacónicas.

Uma grande saudade roía o coração dos pais. Por um tórrido Agosto, num barco muito carregado que atravessava penosamente os *pontos* do Douro na estiagem, José Leite veio ver o filho e tentar no Porto uma colocação que lhe permitisse voltar a reunir a sua família. As cartas a D. Henriqueta descrevem minuciosamente a maneira de viver de ambos, os pormenores das despesas, o que comem e o que vai podendo “botar no migaalheiro”, com auxílio do filho; transparece nelas o desejo de que sua mulher e uma irmã que com eles vivia não passem mal e o receio de nem sempre as poder ajudar como queria.

O rapaz estava mais crescido e mais forte. Habitava em casa de uma matrona bêbeda e mal encarada, mas muito governada e que não era má pessoa. Apesar de velha e gorda, recomendou ao pai que não lhe dissesse graças, receoso do feitio folgazão deste, que contrastava com a sua natural gravidade. “O quarto dele é dum filósofo”; e o pai ligava certamente a ideia de pobreza à vida de encerro e de meditação que o filho levava aos dezoito anos. “Ainda tem as calças de lona que tem trazido sempre por casa, com um rasgão no cu”; o chapéu estava tão velho que tomou o do pai e não mais o tirou da cabeça. Trabalhava muito; levantava-se às cinco da madrugada para estudar até às oito, hora de ir às aulas; voltava pelas três da tarde e estudava até altas horas da noite; na altura dos exames, muitas vezes adormecia vestido em cima da cama. O tempo não lhe sobrava para se pentear, engraxar o calçado e rapar a cara. O pai remendava-lhe as botas e a roupa, tirava-lhe as nódoas do fato, arrumava-lhe os livros e olhava pelo conforto e asseio do seu quarto. Conseguira alojamento no colégio de um amigo a troco de ajudar às lições e tomar conta dos rapazes e, invocando os serviços prestados à causa da Liberdade, esperava um emprego ou uma compensação do modesto lugar que perdera com a extinção do julgado de Mondim. Estes nunca vieram e ele vivia um pouco da ajuda do filho e de parentes e

---

<sup>(4)</sup> Sumiu-se entre os papéis do seu espólio se é que não foi destruído antes ou fazia parte de um misterioso maço “para queimar, sem abrir, depois da minha morte”.



amigos, na esperança de alugar uma casita barata onde sua mulher e irmã se lhe juntassem e o filho pudesse morar com eles. Passavam-se dias que não o via e este aparecia-lhe de fugida, sempre absorvido com os estudos e demais obrigações. Viviam um e outro na maior austeridade: o pai comprou-lhe um queijo e cortou-lho em pedacinhos, para durar certo tempo, botava contas a quanto gastava em luz por cada serão de estudo, trocava com ele alguma peça de vestuário ou calçado menos usada. Uma ou outra vez, eram convidados para uma festa e o jovem José Leite levava uma poesia de circunstância; jantando com amigos ou parentes, adivinha-se que, além da companhia, os atraía uma mesa mais farta; depois, conseguiu pensão para o filho no colégio onde estava empregado. Mas os ganhos e auxílios eram incertos e a família só pôde reunir-se quando José Leite obteve por concurso um lugar de amanuense na secretaria do liceu; dessa data (1877) em diante, passou a ser ele o amparo dos seus.

O pai recebia com desvanecimento parabéns pelo filho, “que reunia as duas qualidades, talento e porte”, e depressa se impusera como o primeiro entre os condiscípulos, fazendo em poucos meses estudos que a outros levavam dois anos. Classificado em primeiro e único lugar em Latim, foi-o também, com mais dois condiscípulos, em Matemática. Por altura dos exames ganhou uma medalha de prata valiosa e, na festa do encerramento do colégio de São Carlos recitou, como melhor aluno, uma poesia alusiva, que foi muito apreciada. Outras foram dedicadas a parentes e amigos e saíram em jornais e revistas pouco conhecidas. Revelam, a par de certa leveza ingênua, uma tendência para a facilidade, nos temas e nos ritmos, que as colocam por vezes ao nível do lirismo de almanaque; o autor não aproveitaria a maior parte no seu primeiro livro de versos<sup>(5)</sup>. Começava a ser conhecido e solicitado para tirar uma dúvida ou minutar um memorial; compôs um artigo elogiando o colégio onde o pai e ele se alojavam, relatando os principais êxitos nos exames — maneira de mostrar gratidão pelos favores recebidos do director. Os seus primeiros “Esboços literários” (de Abril de 1876 a Maio de 1877) dão notícia de algumas

---

<sup>(5)</sup> Por exemplo “Independência”, dedicada ao pai, “poesia humilde que eu agora não publicaria”. “Harpa de amor” (colectânea inédita) junta versos de 1877 mas não teve seguimento; “Baladas do Ocidente” (publicadas em 1885 e que reúnem a maioria das poesias da juventude) preferem já outros temas de inspiração, estreitamente conexos dos estudos etnográficos e arqueológicos que até então elaborara.

obras aparecidas por essa época, umas criticadas com dureza e pouca compreensão, outras elogiadas de um modo convencional e sem relevo. Alguns destes ensaios saíram em jornais de província, outros creio que nunca chegaram a ser publicados. Em todo o caso, o autor abriu mão deles, não os incluindo sequer no *Indículo* das suas obras. O “Livro da minha vida” (sem data mas da mesma época) refere apenas a genealogia da família, buscando o lustre dela em antepassados remotos e fabulosos; detendo-se embora com predilecção nos parentes que se distinguiram pelo talento ou gosto do estudo, nada revela ainda o despertar do espírito crítico que animaria as suas investigações do passado. Também esta tentativa ficou sem seguimento e não foi aproveitada nas *Memórias de Mondim da Beira* sem completa refundição. O estilo da prosa não é superior ao da poesia: uma ou outra vez singelo e corrente, rebusca demasiado uma forma empolada, convencional e retórica.

A sua carreira de “escritor público”<sup>(6)</sup> principiava assim numa obscuridade provinciana, em trabalhos subalternos e com uma inspiração à sobreposse; numa época tão fecunda da vida intelectual da Nação, Leite de Vasconcellos, se não achasse outro rumo, poderia desempenhar com dignidade um papel de modesta figura das letras portuenses, hoje certamente esquecida. Na sua formação de literato provinciano o encontro com a Ciência operou uma metamorfose profunda: foi ele que lhe revelou a verdadeira vocação, dilatou os horizontes do seu espírito, alimentou as fontes da sua inspiração, valorizando a experiência de adolescente na aldeia, e deu às suas obras a singela robustez das criações perduráveis.



Comte morrera precisamente na data do nascimento de Leite de Vasconcellos mas a sua influência era ainda dominante vinte anos depois. A vigorosa tentativa de estabelecer limites práticos à especulação e de expurgar o conhecimento de preocupações metafísicas, fundando-o na observação e na experiência, exercera sobre o espírito científico uma salutar acção disciplinadora. A uma hierarquia das ciências, fundada na complexidade crescente dos fenómenos, sobrepunha-se a crença na unidade dos

---

<sup>(6)</sup> Ainda em Mondim, o moço José Leite dissera um dia que queria ser um “escritor público”:



seus métodos e a convicção de que, através da experiência das ciências exactas e naturais, se poderiam renovar, tornando-se objectivos e rigorosos, os ramos de conhecimento que tinham por alvo o homem e a sociedade. Darwin impusera, por um labor de pesquisa vasto e robusto, a doutrina do transformismo, de que Spencer extrairia, ao longo de uma obra enorme, as conclusões filosóficas. Uma teoria científica, imaginada com rara largueza, recebia a sua consagração através do desenvolvimento das ciências biológicas, que ela própria havia de promover, por uma impressionante convergência de provas. A sedução que as novas ideias exerceram nos espíritos explica a extrapolação que delas se fez noutros campos. Spencer procura demonstrar a unidade do sistema da evolução através de exemplos tomados indiferentemente no mundo mecânico, biológico ou social. Acreditava-se que a sociedade obedecesse às mesmas leis do desenvolvimento dos organismos, tendendo para um “Progresso” que a educação e a acção política deviam por todas as formas acelerar. À emancipação dos cidadãos pela Liberdade, correspondia a emancipação dos espíritos pela Ciência. Os limites do conhecimento, embora circunscritos a um mundo *objectivo*, recuavam com a marcha cada vez mais rápida das ciências, demolindo as crenças tradicionais, substituídas por um agnosticismo que não raro se tingia das cores vivas da contradição e da luta<sup>(7)</sup>. Sobre as ruínas do passado edificava-se um mundo novo e melhor, onde os homens viveriam emancipados de todas as sujeições. Feridos pela crueza das desigualdades sociais, espíritos ávidos de justiça construíram novas utopias, abraçando as fórmulas simples de um ingénuo e generoso idealismo.

Posto em contacto com as novas ideias através do estudo e da leitura de livros e revistas estrangeiras, Leite de Vasconcellos aceitou-as com entusiasmo. O Positivismo quadrava ao seu espírito pela importância concedida aos dados objectivos na elaboração do conhecimento. O gosto dos factos concretos e bem estabelecidos encaminhava-o para a Ciência, arredando-o de toda a especulação metafísica. Educado no respeito de virtudes antigas numa família de tradição, não conheceu contudo entre os seus um ambiente reaccionário. Como tantos da sua classe, o pai e o tio serviram a causa da Liberdade e por ela sofreram perseguições e

---

<sup>(7)</sup> Efectivamente o Positivismo haveria de tomar posição contra a Igreja católica, que Comte profundamente admirava como instituição humana.

prejuízos. A família cumpria os preceitos religiosos correntes mas não lhe dera uma sólida formação neste campo. O tio do Peral, ironicamente, lembra a José Leite que, em vez de fazer versos, se encomende a Deus: “tens a quem sair”; e recorda a propósito certo acto irreverente do pai em relação a um frade de São João de Tarouca! A crença, sustentada mais pelo hábito do que pela convicção, não resiste ao embate. As instituições sociais tradicionais e a religião adquirem para Leite de Vasconcellos o encanto e o prestígio de coisas do passado, matéria de estudo a que o seu espírito se aplicará com predilecção, mas não entram no mundo das suas convicções. Indiferente em política, guardará toda a vida uma tendência liberal avessa a todas as formas de reacção; indiferente em religião, uma ou outra vez no seu agnosticismo transparecerá uma ponta do espírito combativo da sua época. Os estudos sobre cultos e mitos antigos e populares, no geral encarados comparativamente, hão-de fortalecê-lo nesta posição. Um elevado sentido moral levou-o a procurar o bem e a verdade — e isso e o muito que trabalhou bastaram para encontrar a paz da consciência. O mais firme e constante dos seus ideais será a crença no valor da Ciência como instrumento de processo e a ela consagrará toda a vida.

Os discursos académicos proferidos no colégio de São Carlos em 1877 e em 1879 inspiram-se já nestas ideias. O *Futuro* e o *Progreso* servem de tema ao primeiro. O desenvolvimento das ciências é evocado com lírico entusiasmo, que não exclui a pertinência dos exemplos tirados da sua história. “Criaram-se umas e aperfeiçoaram-se outras. Entre as primeiras conta-se, por exemplo, a Linguística — e é a mais antiga menção que conheço do que havia de tornar-se o seu principal campo de estudo. A própria poesia sofreu o impulso renovador e, pela voz do “maior poeta actual” — Victor Hugo — exprime o vigor dos novos ideias. “A Liberdade, a Instrução e a Justiça são as três mais altas aspirações do nosso espírito, os três grandes princípios que os homens cultos trabalharão para pôr em prática: — a Liberdade faz-nos cidadãos; a Instrução torna-nos sábios; a Justiça assegura-nos o Futuro”. Não há dúvida que este rapaz de dezanove anos, que apenas há dois entrara no mundo do estudo, exprimia com precisão as aspirações da juventude. Os companheiros aplaudiam por certo com entusiasmo quem tão bem sabia dizer aquilo que eles obscuramente sentiam; os professores olhariam com desvanecimento para este moço bisonho e precoce, pressentindo talvez alguém a quem o destino tocara.

O segundo discurso, ainda mais esclarecedor, constitui uma sorte



de manifesto evolucionista. “A Química demonstrou a indestrutibilidade da matéria, do mesmo modo que a Sociologia demonstrou a indestrutibilidade do Progresso... O homem é um elo na vasta cadeia da Natureza; é o mais perfeito dos seres”, apenas um animal que se elevou pelo Progresso. “O homem, antes de saber que a Natureza se rege por leis fixas e imutáveis, prostrou-se adorando os astros e acreditou em milagres; antes de saber que existe o incognoscível, organizou mil sistemas filosóficos em que os adeptos de cada um deles se degladiam estéril e eternamente<sup>(8)</sup>; antes de saber que é um animal pensou que era um Deus”. O Século XIX

---

<sup>(8)</sup> Vale a pena publicar na íntegra, pela sua curiosidade e significação, as seguintes “Notas para desenvolver”, talvez um pouco posteriores, de que não encontrei qualquer sequência. Concluindo embora pela inutilidade da Filosofia, não deixam de revelar capacidade especulativa e originalidade e largueza no modo de colocar o problema. ‘

“A Filosofia e a compreensão sintética do mundo; mas o sujeito desta compreensão é o homem.

“O homem ser progressivo — o que se demonstra biológica e sociologicamente. Variabilidade da concepção filosófica através dos tempos e dos lugares — segundo o grau de desenvolvimento do homem e a influência dos *meios*. Logo, se nós admitimos o progresso do homem, devemos admitir que a um maior progresso deve corresponder uma ideia filosófica mais elevada, mais completa, mais clara (o que de facto tem acontecido).

“O Universo: a terra é um pequeno planeta secundário (desenvolver isto). Havemos agora de admitir que há-de ser neste grão de areia, neste canto do Universo, que há-de estar contido o ser por excelência? Não se pode admitir aqui que o Criador quisesse dar uma prova de humildade aparente, porque há planetas inferiores à terra. Argumentando por paridade é provável que noutros astros haja igualmente seres, do mesmo modo que o homem. Serão mais perfeitos que este? Não o sabemos, mas é provável que sim, porque a astros mais importantes que a Terra parece que devem corresponder habitantes mais perfeitos que o homem. Logo, para estes seres, a ideia filosófica deve ser mais elevada que a do homem ou, pelo menos, ser diferente. Supondo pois que esses seres são mais imperfeitos ou análogos ao homem, fica ainda o facto de que nós os desconhecemos completamente e que não podemos apresentar um sistema de compreensão do Universo ( Filosofia ) sem termos noção alguma da maior parte do objecto dessa compreensão; de mais a mais não conhecemos dos outros astros senão uma parte diminutíssima. Logo, em última análise, a Filosofia é uma noção puramente subjectiva, variável, inconstante, incerta, portanto sempre falsa. A Filosofia, rigorosamente, não existe, nem pode existir para o homem nas condições actuais. Era preciso que para cada recanto do Universo se fizesse um estudo análogo, tão completo quanto possível, e que estas noções particulares

ocupa na história do espírito humano um lugar único e distinto, opondo a Ciência a “crenças fantásticas” e a Liberdade a “arbítrios deploráveis”. Um apelo final incita os companheiros a “aspirarem ardentemente pela ascensão à luz e pela aproximação do Ideal”.

Para além da ingenuidade do estilo e de certo tom retórico que o autor nunca soube totalmente evitar em discursos solenes, palpita nestes escritos a admiração fervorosa da Ciência e um desejo intenso de se aventurar nos seus caminhos. Sente-se neles, por outro lado, a preparação de vastas leituras e de longas horas de intensa reflexão. À curiosidade das coisas antigas e populares, desenvolvida em Mondim, ao gosto da linguagem, fortalecido pela avidez de leituras em diferentes idiomas e pelo exercício da criação poética, conseguida mais por esforço intelectual do que por autêntica inspiração, junta-se agora o fermento especulativo, adquirido no contacto com a Ciência, e a convicção moral de que esta servia os ideais supremos da humanidade. Estava achado o rumo seguro da sua vida.

Nesta época a Universidade de Coimbra conservava o exclusivo de certas matérias tradicionais do ensino superior: Teologia, Direito. Mas as necessidades da Nação em técnicos, consequência do modesto progresso industrial da segunda metade do século XVIII, a atenção que se começava a conceder à saúde pública e os propósitos reformadores de alguns ministros do Liberalismo, haviam promovido a criação paralela, nas duas principais cidades, de escolas médicas e de institutos de ciências aplicadas<sup>(9)</sup>; a clarividência de um Rei amante das letras — D. Pedro V — dotaria, além disso, a capital de um rudimento de faculdade de estudos

---

se comparassem para se poderem completar: do seu conjunto saíria talvez a noção filosófica. Mas como realizar isso? O mais que o homem pode aspirar é a conhecer o seu planeta nas suas relações elementares com o resto do sistema planetário, e a estabelecer a Filosofia particular de cada ciência que estuda; mas a coordenação superior de toda essa Filosofia numa Filosofia perfeita e universal é um sonho irrealizável à falta de dados. *Quod nihil scitur*”

<sup>(9)</sup> Em Lisboa e Porto as Régias Escolas de Cirurgia, fundadas em 1825, em Lisboa a Escola Politécnica, no Porto a Academia Politécnica, ambas instituídas em 1837. Em Lisboa, o ensino da cirurgia fazia-se, com feição prática, desde o princípio do século XVI, no hospital da cidade; o rudimento da Escola Politécnica foi o Colégio dos Nobres, que começou a funcionar em 1766, aliás sem êxito e inadaptado ao desejo de ascensão social da burguesia enriquecida no comércio e na indústria. Havia, além destes, em institutos eclesiásticos ou



humanísticos numa base mais moderna e mais ampla do que a de Teologia<sup>(10)</sup>. No Porto as possibilidades de quem desejasse obter um curso superior estavam praticamente limitadas à Engenharia e à Medicina: escrevendo aos pais de Leite de Vasconcellos, o tio António Leite sugeria o primeiro para o sobrinho que tanto desejava ajudar. Para corresponder a esta sugestão, porque a Medicina já o atraía como matéria mais afim do estudo do homem em aspectos que o preocupavam, ou talvez pelo maior prestígio de que gozavam tanto os estudos médicos como a profissão a que conduziam, José Leite de Vasconcellos, terminados os “preparatórios”, liceais, inscreveu-se na Academia Politécnica, onde se ministrava também o ensino de acesso à Escola Médica.

Sob o nome de “Academia Real de Marinha e Comércio da Cidade do Porto” fundou-se nesta cidade, em 1803, uma escola, transformada em 1837 em “Academia Politécnica”; o seu embrião fora uma aula de *náutica*, estabelecida em 1762, com o fim de preparar oficiais de marinha para duas fragatas de guerra destinadas a comboiar as frotas de comércio entre o Porto e o Brasil, ameaçadas por piratas berberiscos; os negociantes desta cidade, como principais interessados, sustentariam este ensino com um imposto ou “donativo” de 2 p. 100 sobre as fazendas importadas e exportadas e sobre a importância dos fretes, de cuja cobrança se encarregava a poderosa *Companhia Geral de Agricultura das Vinhas do Alto Douro*, criada pelo Marquês de Pombal. Em 1779 acrescentou-se uma aula de *debuxo e desenho* que, em seguida a várias dificuldades iniciais, esteve a cargo do célebre pintor Vieira Portuense; no entanto, este novo ensino era meramente aplicado, primeiro ao curso de pilotagem, depois ao “desenvolvimento que ia tomando no Porto a indústria fabril”. Ambas as aulas funcionavam no Colégio da Graça: mas a fama do artista atraía 120 alunos e a sua aula teve de mudar-se para o hospício de Santo António. Em 1803, a Junta da Companhia, animada com os progressos dos ensinos

---

nas academias militares, ensinos reservados apenas aos alunos que se destinavam à carreira das armas, ao sacerdócio ou às ordens; isso explica que nas mãos destes se conservasse a maior parte da erudição e nas daqueles actividades técnicas que exigiam certa base científica (como a Engenharia, a Náutica. a Geodesia)

<sup>(10)</sup> O Curso Superior de Letras, criado por D. Pedro V em 1858, mas que só começou a funcionar em 1861, não tinha finalidade prática bem definida e destinava-se essencialmente a ministrar cultura.

que sustentava, solicitou a criação de mais as seguintes aulas: Matemática, Comércio, Francês e Inglês, propondo os meios para a sua sustentação e a construção de um edifício em que elas funcionassem. Concedendo mais do que se pediu (coisa rara em Instrução no nosso País!), o Regente (D. João IV) fundou a Academia, dotando assim o Porto de ensinos que já existiam em Lisboa (comércio, desenho, marinha) e na Universidade de Coimbra (matemática). Além das aulas referidas, ensinava-se a Filosofia Racional e Moral, apenas obrigatória para os estudantes de Matemática e como matéria preparatória para a Faculdade de Coimbra. Em 1818 acrescentou-se-lhes uma aula de Agricultura, que compreendia também o ensino da Botânica<sup>(11)</sup>.

A reforma de 1837 não foi apenas uma modificação da Academia de Marinha e Comércio porque consistiu na sua transformação profunda. A tenacidade de João Baptista Ribeiro, director da Escola, conseguiu que ela se instalasse no edifício onde primeiro funcionara, no Colégio da Graça, muito danificado pelos bombardeamentos durante o cerco do Porto e ocupado, por quatro anos, pelo hospital militar. Segundo o novo plano de estudos, a Academia Politécnica do Porto compreenderia onze cadeiras, com gabinetes, laboratórios e jardim botânico anexos, destinadas a preparar engenheiros de todos os ramos, oficiais de marinha e pilotos, comerciantes, agricultores, directores de fábricas e artistas. É visível o propósito da organização de um ensino prático e aplicado, diferente dos “estudos clássicos e puramente científicos e até dos estudos teóricos” que se ministravam na Universidade de Coimbra. Nenhum ambiente como o do Porto, com a preponderância da sua burguesia de negociantes, industriais e armadores, para receber e fazer prosperar uma escola desta índole. Através de alvitre do Conselho Escolar e de decisões dos poderes públicos, procurou-se o ajustamento do novo instituto às suas importantes funções, o seu melhor apetrechamento e a actualização científica do ensino. Com

---

<sup>(11)</sup> Segundo a “Memória Histórica da Academia Politécnica do Porto”, publicada pelo director Adriano de Abreu Cardoso Machado, no I vol. do *Anuário da mesma Escola*. Utilizei os quatro primeiros volumes (Porto, 1878 a 1882), tanto para as notícias relativas a Leite de Vasconcellos como para reconstituir o ambiente da Escola na época em que ele a frequentou. A “Memória” abrange o período até à transformação em Academia Politécnica (1837); depois a legislação oficial permite seguir as suas vicissitudes. Cf. ainda a *Memória Histórica da Academia Politécnica do Porto*, de A. de Magalhães Basto, Porto, 1937, publicada por ocasião do Centenário daquela Escola.



frequência desigual e perturbada às vezes por motivos políticos, manteve-se a Academia à roda de um cento de alunos, raras vezes duplicando ou descendo a metade. Nela se ministravam também, entre vários cursos preparatórios, os rudimentos de P. C. N. ("Physica, Chimica, Historia Natural") exigidos para o ingresso na Escola Médico-Cirúrgica. Alguns espíritos renovadores prelecionavam aí: Azevedo e Albuquerque e Amorim Viana distinguiam-se na Matemática e este também na Filosofia, até que, em 1884, um lente da Faculdade de Matemática, membro da Academia Real Ciências, astrónomo do Observatório da Tapada da Ajuda, que já se ilustrara com trabalhos originais, passaria a constituir, por uma obra vastíssima, publicada em grande parte em francês e em revistas estrangeiras, e pelo desejo de colocar a escola num nível internacional, a sua maior figura científica: Gomes Teixeira. No entanto, as instalações acanhadas da Academia aproveitavam ainda o antigo Colégio dos Meninos Órfãos, que rodeava a igreja da Graça, com seus pátios e claustros e os baixos ocupados por um café e várias lojas, que só pouco a pouco foi possível ir expropriando. No lugar dele se construiu, com sóbria dignidade, o actual edifício da Faculdade de Ciências.

Em sítio alto e desafogado, junto da Cordoaria com seus jardins e trechos campestres, à sombra da esguia e elegante Torre dos Clérigos, a Academia não ficava longe das ruelas sombrias do velho burgo medieval, coroadas pelo terreiro da Sé, donde descem íngremes ladeiras e escadarias, para o buliçoso e plebeu cais da Ribeira, animado tanto por navios de alto bordo como pelos rabelos que transportam as pipas de vinho do Alto Douro e pelos barquitos dos pescadores do rio. A maioria das casas, com os baixos ocupados por tabernas, lojinhas e oficinas, davam a esta encosta a feição de bairro popular e miserável que ainda conserva; mas outras, como a correnteza insípida da Rua dos Mercadores, eram habitadas ainda por famílias que prezavam uma abastança sem alarde: em homenagem aos seus moradores, as procissões desciam por ela da Sé até ao rio. Com uma casa velha a cada esquina, aqui uma igreja antiga aberta para um adro que o declive do terreno torna exíguo, além um palácio de elegante frontaria de granito lavrador numa rua de construções humildes, um ou outro nicho de santo iluminado debilmente pela lamparina de azeite, o Porto velho, em grande parte ainda preservado, possui um ambiente evocador, que insensivelmente acorda no espírito a ressonância do passado. Garrett, com o *Arco de Santana*, explorara e divulgara esta faceta da vetusta cidade. É de crer que o jovem José Leite, nas raras horas de

ócio, por aqui passeasse a sua insaciável curiosidade indagadora. Mas, absorvido como andava com os estudos, não há vestígio dela nos seus escritos deste tempo. Preso à terra pela sua raiz rústica, a originalidade do campo minhoto vai atraí-lo mais do que o espectáculo novo da cidade.

No ano lectivo de 1879-1880, com vinte e um anos, quando outros o podiam fazer aos quinze ou dezasseis, matriculou-se José Leite de Vasconcellos Pereira de Mello no “curso de agricultores”, que tinha a duração de quatro anos. Atracção pela vida rural, secreto receio de não ter recursos materiais que lhe permitissem ir mais além, simples arrumação de secretaria, é impossível sabê-lo. Não seguindo o plano recomendado, inscreveu-se em uma cadeira do 1º ano e outra do 2º a 8º, “Física teórica e experimental”, de que era lente Adriano de Paiva de Faria Leitão Brandão, e a 9ª, “Química inorgânica”, a cargo do lente substituto António Joaquim Ferreira da Silva, dois homens novos (de 32 e 26 anos respectivamente) e há pouco providos nos lugares que ocupavam; o último veio a ser o maior químico português do seu tempo, autor de trabalhos originais e valiosos e de métodos de análise que se tornaram correntes e ainda estão em uso.

A Academia abriu, em sessão pública, a 17 de Outubro de 1879. Depois da palavra, “autorizada e sentenciosa” do director, Dr. Adriano de Abreu Cardoso Machado, que então ocupava o cargo de Ministro da Justiça, o director interino, Arnaldo Ferreira Braga, proferiu um breve discurso, evocando a história da escola e o seu desenvolvimento, a dedicação dos professores confrontada com a escassez de recursos, o aproveitamento dos alunos, conferindo prémios aos que mais se distinguiram e incitando os novos a seguir-lhes o exemplo. Nestas inaugurais banalidades não haveria nada de novo mas, no final, evoca-se a figura do lente Barão de Castelo de Paiva, falecido no ano anterior, médico, botânico e erudito que, minado pela tísica, se viu forçado a abandonar sucessivamente a clínica e o ensino e a recorrer a um clima de sanatório — o da Madeira — contribuindo ainda, apesar da doença, para o conhecimento da flora e dos moluscos do arquipélago. Possuidor de avultada fortuna, legou parte dela a obras de beneficência e a fins científicos. “Curvemo-nos pois, senhores, reverentes ante a memória do sábio, e deixemos à humanidade agradecida pagar-lhe com lágrimas de reconhecimento e saudade as de miséria e dor que o seu benfeitor lhe enxugou com óbulos de caridade<sup>(12)</sup>. Palavras empoladas e convencionais



mas onde avulta, como nos discursos académicos proferidos nos anos anteriores pelo jovem estudante, o amor e o respeito da Ciência, que eram gerais nessa época.

A Física e a Química não atraíram Leite de Vasconcellos e o seu nome não figura entre os alunos que se distinguiram; talvez que, conservando o emprego do liceu e dando lições, lhe não sobrasse tempo para levar o estudo até onde desejaria. Em ambas as matérias obteve o primeiro prémio um estudante natural de Goa, Francisco Xavier da Silva Telles, que depois se havia de ilustrar como o introdutor do ensino da Geografia no Curso Superior de Letras e na Faculdade que o continuou, onde Leite de Vasconcellos também viria a ensinar. Dois tipos de professores e dois destinos diferentes: Silva Telles, expositor elegante e claro, *adaptou* entre nós uma Ciência à qual trouxe modesto contributo; Leite de Vasconcellos, dominado pelo prazer da pesquisa e pela ânsia de acumular materiais próprios, havia de deixar, em três ramos do saber, a marca perdurável da sua forte personalidade.

No ano seguinte frequentou, também sem relevo especial, as cadeiras 7<sup>a</sup>, 1<sup>a</sup> parte (Zoologia), 2<sup>a</sup> (Mineralogia e Geologia), 10<sup>a</sup>, 1<sup>a</sup> parte (Botânica) e 3<sup>a</sup> (Agricultura), completando assim, ao mesmo tempo, os “preparatórios médicos” e as matérias de Ciências Naturais. As duas primeiras e as duas últimas cadeiras estavam, respectivamente, a cargo dos lentes Ferreira Braga e Gomes Cardoso, há muito providos nos lugares que desempenharam sem qualquer relevo científico. O primeiro continuava a exercer, na interinidade, as funções de director. No discurso de abertura do ano lectivo, a propósito de reformas que então se elaboravam, chamou a atenção para o carácter excessivamente teórico do nosso ensino superior: o conselho académico desejava o desdobramento de cadeiras, a criação de outras novas e o aumento da dotação de gabinetes, laboratórios, museu de história natural e jardim botânico “com conservadores, preparadores e ajudantes”. “É tempo de dotar o nosso País de uma escola de ciências aplicadas—verdadeiramente prática; e julgo que nenhuma, pela sua índole e sede, está mais no caso de sofrer essa transformação, que a nossa<sup>(13)</sup>. Confronta a modesta escola do Porto com instintos politécnicos da França, Suíça e Alemanha e analisa a penúria em que se debatem os

---

(12) *Anuário cit.*, m 3.º ano (1879-1880), p. 20.

(13) *S Anuário cit.*, 1880-1881, p. 15-16.

que, em Lisboa, se dedicam ao ensino industrial e agrícola. As sensatas palavras com que se verbera o processo de “criar num País tão pequeno como o nosso um tão grande número de escolas imperfeitas”, e a vantagem de ter em conta, na orientação delas, a índole social das cidades onde foram criadas, têm ainda actualidade e mostram como um homem, incapaz de fazer obra pessoal, pode ter compreensão clara dos problemas do ensino do seu tempo. O Porto poderia corresponder mais do que Coimbra ou Lisboa à função prática e aplicada do ensino. Um instituto não desligado da vida, onde se procura ministrar um ensino activo e actualizado, com professores dedicados, um ou outro cultivando a Ciência — tal é a imagem que se colhe das publicações da época.

Que deve Leite de Vasconcellos a este primeiro contacto com uma escola dominada por ideais que não coincidiam inteiramente com os dele? Por um lado, encontrou o respeito e a admiração da Ciência, mesmo entre aqueles que apenas praticavam uma das suas formas exteriores: a divulgação; por outro, assimilou do ensino a disciplina sistemática, que o faria considerar, mais tarde, a vantagem de quaisquer estudos regulares, “ainda que fossem de Teologia”. Num ambiente de preocupações de utilidade e de aplicação, fortalece-se no seu espírito o puro desejo de saber e o culto da Ciência com inteira devoção a esta insaciável curiosidade. Nos dois anos que consagrou aos “preparatórios médicos” a Poesia, a Etnologia, a Filologia, continuam a ocupar grande parte da sua atenção, conseguindo levar a par o estudo, o emprego e a actividade literária. Uma vontade de ferro e uma vigorosa resistência intelectual, que haviam de dominar toda a sua vida, exemplificam-se neste episódio, que me contou num momento de desfastio. A bibliografia alemã, tão importante em ambos os campos científicos, referida com frequência por Adolfo Coelho, que a conhecia e manipulava a fundo, fortalece Leite de Vasconcellos na convicção de que lhe era indispensável aprender mais essa língua. Treinado já noutras línguas vivas, muniu-se de gramática e de dicionário e deliberou iniciar *sôzinho* o seu estudo, no dia seguinte ao do último exame: como se fez de manha, não resistiu ao desejo e principiou nessa mesma tarde! Era assim que, aos 23 anos, José Leite começava as férias...



Quando, a 26 de Setembro de 1881, se matriculou em Medicina, com entusiasmo que se adivinha, pois foi o primeiro a fazê-lo entre todos os condiscípulos, iria cumprir com brilho os seus deveres de estudo, pelo que recebeu um prémio conferido ao mais distinto dos alunos que acabaram o curso. Nos seus numerosos ensaios de Etnografia e de Filosofia indica sempre “aluno da Escola Médica do Porto” como um título científico a que dá apreço. A Dermatologia há-de entusiasamá-lo a ponto de empreender um trabalho pessoal de grande valor, que nunca chegou a publicar. Exercerá clínica, no Porto e no Cadaval, por menos de um ano, até conseguir um modesto lugar de bibliotecário na Biblioteca Nacional de Lisboa, cidade onde se fixará e onde decorrerá a sua longa e operosa vida científica. Como estudante de Medicina cumpriu, e brilhantemente. Poderia ter sido razoável clínico, talvez lente, por certo investigador de relevo. Mas para outro campo o levaram fundas predilecções do espírito, tendências da infância, leituras e viagens da adolescência.

### JOSÉ LEITE DE VASCONCELLOS NA ESCOLA MÉDICA DO PORTO<sup>(14)</sup>

Ao contrário de Lisboa, onde, desde o princípio do século XVI, se ministrava, com certa regularidade, a iniciação da prática da cirurgia no Hospital de Todos-os-Santos, e no de São José, que lhe sucedeu depois da total ruína que o primeiro sofreu com o terramoto de 1775, o Porto<sup>(15)</sup> apenas tinha, no Hospital de Santo António e mantido pela Santa Casa da Misericórdia, um ensino “deplorável” pela falta de nível e de material e pela corrupção dos examinadores. Em 1825, considerando “um dos objectos mais importantes para a felicidade pública a conservação da saúde dos povos”, o “atrasamento” e imperícia dos cirurgiões, quer pela carência de ensino de base, quer por “exames superficiais e ilusórios documentos” que lhes conferiam o exercício da sua arte, resolveu o Governo criar em Lisboa e Porto “Régias Escolas de Cirurgia”, onde se

---

<sup>(14)</sup> O Médico, LV (970) 1970, Porto.

<sup>(15)</sup> Maximiano Lemos, *História do Ensino Médico no Porto*, Porto, 1925 donde se extraem todas as informações que não levam indicação de outra origem.

ministrasse um ensino paralelo ao da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Os primeiros tempos da escola portuense, instalada e de algum modo na dependência do Hospital da Misericórdia, foram obscuros e difíceis; a frequência irregular e diminuta, baixou, mais de uma vez, a um aluno por ano; com as lutas liberais, vários professores andavam fugidos, outros temiam ou sofreram perseguições de um e outro dos partidos em contenda; no cerco do Porto e durante a epidemia de cólera que então se declarou, lentes e estudantes uniram-se aos cirurgiões militares para tratar os feridos e os coléricos, enquanto as instalações da escola eram requisitadas para hospital. Concursos para lentes, matrículas de alunos, ensino e exames, tudo se faz, durante nove anos, com irregularidade e longas interrupções. Uma única figura de relevo no ensino, Vicente José de Carvalho, formado na escola do Hospital de S. José, distinguiu-se como anatómico e como cirurgião, deixando publicadas notícias das suas observações. Até que, em 1836, os ministros triunfantes da “Revolução de Setembro” promoveram uma reforma ampla dos institutos que passaram a chamar-se Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto, alargando-se o elenco dos estudos e o quadro dos professores e procurando melhorar as condições materiais e técnicas do ensino. Precisamente nesse mesmo ano, defendia tese o mais distinto aluno da antiga Escola, que logo ingressou na nova organização como ajudante de anatomia e “porteiro das aulas” e pouco depois como professor: António Bernardino de Almeida. A perícia e ousadia como cirurgião, o aperfeiçoamento das técnicas utilizadas, o alargamento do campo das suas intervenções, a notícia frequente, nas gazetas da especialidade, dos resultados delas, muita vez em observações de alunos ou colaboradores, colocam-no num lugar de relevo no meado do século XIX; ele próprio dirá que a cirurgia que se praticava em Portugal “apenas distará hoje do elevado estado da cirurgia estrangeira somente o tempo que gasta a chegar-lhe a notícia de seus novos descobrimentos, e aquele que lhe retarda a oportunidade de os imitar”<sup>(16)</sup>. O ilustre professor portuense, por si e pela sua escola, contribuiria largamente para este acertar o passo com os progressos realizados na Europa. Pela mesma época, o Dr. José Pereira Reis, formado por Coimbra, se não deixou obra científica, publicou formulários práticos de farmacopeia, ministrava com distinção o ensino e

---

<sup>(16)</sup> *Ob. cit.*, p 115.



exercia clínica em larga escala, com êxito e com caridade. Quando se retirou, sucedeu-lhe José de Andrade Gramaxo; procurou ao mesmo tempo, em contraste com “a rançosa filosofia médica da meia idade” não de todo extinta noutras aulas, “professar a medicina científica tal qual acabavam de aperfeiçoá-la a anatomia e a fisiologia patológicas, em consórcio com a clínica”<sup>(17)</sup>, onde ocupou, no Porto, o primeiro e incontestado lugar. Todos estes lentes estavam jubilados quando Leite de Vasconcellos frequentou a escola, assim como o cirurgião Conselheiro Costa Leite, que colaborou nas primeiras tentativas de anestesia pelo éter e continuou no cargo de director até ao seu falecimento. Nenhum destes clínicos se distinguiu propriamente pela originalidade científica e o que mais publicou não foi além da casuística de algumas das suas numerosas intervenções cirúrgicas. Mas, como na Academia Politécnica, há um desejo de acompanhar os progressos da Ciência e, num ensino cuja eficácia se mede pelo êxito, alguns professores contribuíram para levantar o nível da prática médica e cirúrgica do País.

Em 26 de Setembro de 1881 matriculou-se Leite de Vasconcellos no 1.º ano da Escola Médico-Cirúrgica, com vinte e três anos de idade. Adivinha-se com que entusiasmo, pois foi o primeiro a inscrever-se entre todos os condiscípulos. O quadro da Escola comportava treze “lentes catedráticos”, doze de Medicina e um de Farmácia, e quatro “lentes substitutos”, dois para a secção médica e dois para a secção cirúrgica. Apenas se encontrava vago o lugar de “lente demonstrador”. Servia de secretário um jovem e operoso “lente substituto”, Ricardo Jorge, apenas dois meses mais velho que José Leite e que, depois de um curso frequentado com a maior distinção, entrava no magistério com vinte e dois anos de idade. Atraído pela Neurologia, seguiu na Salpêtrière de Paris o curso famoso de Charcot e em Estrasburgo, ao tempo uma reputada universidade alemã, tomou contacto com os progressos da Fisiologia e da Química biológica. Horizontes novos se rasgavam à sua ânsia de saber e à sua enorme energia de trabalhador do espírito. Combate, pela palavra e pela acção, a insalubridade dos bairros sórdidos do velho burgo portuense e preocupa-se com a função social da Higiene e da Medicina. Mas fustiga também o marasmo da vida científica, a imitação servil e atrasada do estrangeiro, introduzindo no ensino técnicas histológicas e praticando,

---

<sup>(17)</sup> *Ob. cit.*

pela primeira vez na sua escola, os métodos da Fisiologia experimental. Com ele penetra no Porto uma lufada do ar que renova a medicina europeia. O que viria a ser um dos primeiros epidemiologistas do seu tempo e um escritor vernáculo, ao mesmo tempo erudito, sensível a todas as formas de pensamento e de beleza, desempenhava já na Escola lugar de relevo, como seu representante no Conselho Superior de Instrução Pública, e ensaiava, em conferências e artigos, o magistério intelectual que durante tantos anos exerceria com rara elevação e dignidade<sup>(18)</sup>. Do convívio que certamente se estabeleceu entre estes dois moços da mesma idade não há muitos vestígios. Ricardo Jorge havia de forragear nas obras filológicas de Leite de Vasconcellos muita matéria com que alimentou as suas preocupações de purista. Mas a profunda influência do positivismo em Leite, a que Ricardo foi adverso, a sua preocupação de simplicidade e de clareza, o estilo sóbrio e desataviado e o gosto de esmiuçar pormenores significativos, que nele se torna o principal caminho para se elevar às ideias gerais, afastavam os maiores espíritos que, naquele tempo, possuiu a Escola Médica do Porto. No fim da vida, consultando-o sobre certo assunto, escrevia Ricardo Jorge a Leite, no seu estilo colorido de plebeísmos: “nós que, na nossa idade, ainda trabalhamos como cavalos...”. De muito moços ambos haviam trazido para a Ciência o mesmo fogoso temperamento.

De desigual valor eram os outros professores. Dias Lebre “nada mais faz do que martelar a anatomia na aula. Algumas, raras, figuras tomavam a dianteira da profissão, criando no País um ambiente europeu”<sup>(19)</sup>. Aires de Gouveia doutorara-se em Edimburgo e fizera depois uma larga viagem de estudo por diversas nações, com o fim de ampliar os seus conhecimentos; conceituado como clínico, preocupou-se com a divulgação de preceitos higiénicos e fundou, em 1880, a Sociedade de Instrução do Porto, ligando-se à vida social e administrativa da cidade. Agostinho do Souto estudou as condições de higiene e patologia do Brasil, onde ele próprio contraiu a febre amarela. Como médico legista, participou no processo célebre contra o seu colega Urbino de Freitas, condenado a

---

<sup>(18)</sup> V, entre muitos trabalhos que lhe foram consagrados, Eduardo Coelho: “Ricardo Jorge Mestre da Medicina e grande europeu”, *Da Filosofia da Medicina e Outros Ensaios*, Lisboa, 1959, especialmente pp 268-273.

<sup>(19)</sup> E. Coelho, *ob. cit*, p. 269.



pena maior por crime de envenenamento. José Carlos Lopes, doutor pela Universidade de Paris, distinguiu-se na história da Medicina e por uma erudição vasta e variada, alimentada por preciosa biblioteca. Pedro Augusto Dias, “seu émulo e companheiro” na erudição, dedicou-se também à Numismática, “repoisando a sua fresca velhice de sábio antigo, honrada e considerada, no recesso da amada livraria, e nas moitas floridas do seu eremitério de Paranhos”<sup>(20)</sup>. Antunes Lemos, falecido prematuramente por se ter contagiado junto de um tifoso a que acudira estando ele próprio doente, criou uma enfermaria e iniciou o ensino livre da Dermatologia. “Quando qualquer ideia boa surgia no campo da ciência, ele apressava-se, com fervor de um apóstolo sincero, a comunicá-la aos discípulos, que viam assim nele um pai espiritual que os guiava, e lhes impunha a sua autoridade, não pela arrogância ou pelo entono, e sim pela consciência com que falava. Claro para com todos, e nobre nas suas intenções, quantas vezes não estudava ele connosco à mesma banca; e ao passo que nos abria novos horizontes, para nós desconhecidos, ou apenas mal entrevistados, expunha-nos também francamente as suas hesitações e dúvidas! Isto revela a inteireza do carácter”<sup>(21)</sup>. Ao delinear assim o perfil do mestre desaparecido, Leite de Vasconcellos opunha, de certo modo, esta simplicidade ao entono doutoral, que (então como hoje) não seria raro entre os lentes. Urbino de Freitas, pela mesma época, dedicava-se ao estudo da lepra e da sífilis e a este interesse não serão estranhas as *Notas de Dermatologia*, manuscrito inédito de Leite de Vasconcellos a que adiante se fará referência. O mesmo anseio renovador revelou Azevedo Maia que, depois de uma dissertação inaugural digna dos tempos da Escolástica (*Nem o organicismo nem o vitalismo exclusivo são verdadeiros*, 1874) compreendeu todo o alcance do ensino da Fisiologia experimental e, com o seu colaborador Ricardo Jorge, recém-chegado do estrangeiro, lançou-se resolutamente neste campo como depois havia de inaugurar, em condições modernas, a cirurgia abdominal e a Ginecologia, tal como a vira praticar em Paris, em Birmingham e em Londres. Plácido da Costa

---

<sup>(20)</sup> Ricardo Jorge, *apud*. J. Leite Vasconcellos, “Da Numismática em Portugal” (*Arquivo da Universidade de Lisboa*, vol. IX, 1923), onde fala, a pp. 194-195, 289 e 310, do “meu antigo e prezado professor de Medicina”.

<sup>(21)</sup> J. Leite de Vasconcellos, *Saúde Pública*, Porto, 10 de Novembro de 1885 (cit. por M. Lemos).

entusiasma-se com “as belezas, os mistérios, as surpresas que nos descobre o microscópio no mundo dos invisíveis”, inaugura um curso particular de Histologia e, dedicando-se à investigação e à clínica oftalmológica, descobre um instrumento que, depois de aperfeiçoado, é ainda o mais usual modo de exploração da córnea.

De todos os professores o que maior influência parece ter exercido em Leite de Vasconcellos foi Eduardo Pereira Pimenta, a quem dedicaria as *Notas de Dermatologia e a Dissertação inaugural*: “E não he muito de amparardes este meu Tratado: pois nelle se dizem cousas que me ensinastes, e outras que eu aprendi na vossa escola”, reconhece na dedicatória do primeiro trabalho, utilizando uma citação de Garcia de Orta.

Pimenta nada mais publicou além das dissertações obrigatórias. Mas, considerado “o mais distinto cirurgião do Norte do País”, dele procede todo o progresso da cirurgia na escola do Porto, transmitindo aos alunos os seus conhecimentos, fazendo-os beneficiar da larga experiência e da extraordinária perícia que possuía, animando ou auxiliando os principiantes e de nenhum escondendo as intervenções mais difíceis e arriscadas. Perante o insucesso de alguns casos de cirurgia abdominal e a incompreensão dos progressos da assepsia, a sua glória declinou. Mas os alunos recordavam do *Santo Pimenta* a sua simplicidade atraente, a solicitude do ensino, o brilho das lições e uma rara e comunicativa bondade. “Mestre foi-o até onde é possível sê-lo neste tempo e neste meio”<sup>(22)</sup>.

A produção científica destes professores é reduzida e, entre dissertações académicas e artigos de divulgação, aparece um ou outro *caso* ou o tímido resultado de alguma pesquisa original. Também é frequente a passagem de umas cadeiras para outras, por conveniências de serviço ou versatilidade nos interesses — o contrário da autêntica e indispensável especialização. Não raro, entre a vida clínica e docente, não existe a ligação que a ambas poderia enriquecer. Leite de Vasconcellos sentiu quanto o ensino era deficiente e a preparação insatisfatória para um espírito exigente como o seu. Mas, num ambiente onde o rigor acabara por triunfar do verbalismo, receptivo aos novos campos que se abriam à experiência, tributário do estrangeiro pelas novas técnicas de “curar a doença e de conservar a saúde” e em si raramente criador, aprendeu o

---

<sup>(22)</sup> Ricardo Jorge, in M. Lemos, ob. cit., p 194.



sisudo e maduro estudante o valor do método, a minúcia e a precisão da análise, a elaboração cautelosa dos resultados através de materiais recolhidos com critério e joeirados criticamente. O espírito científico da época anima o seu primeiro e único trabalho de investigação clínica e reflecte as tendências receptivas e progressivas da escola que frequentou: mas, assim como inspirara os ensaios etnográficos e filológicos que, ainda estudante, o tornaram conhecido na sua terra e fora dela, havia de imprimir a todas as suas obras qualidades de rigor que o próprio autor atribuía à sua formação inicial de naturalista e de médico.

Alguns apontamentos encontrados no espólio literário testemunham o cuidado e o interesse com que aprofundou certas matérias do curso. Entre estes avulta um manuscrito do seu punho, de caligrafia muito cuidada, com a forma e a organização de livro impresso, intitulado *Notas de Dermatologia. Diário de Clínica Cirúrgica*, 1885-1886. É um registo de observações de doentes efectuadas por Leite de Vasconcellos enquanto frequentou o 5.º ano de Medicina, precedido de uma introdução acerca das dermatoses em Portugal, da sua história entre nós e dos princípios da sua classificação. O autor desinteressou-se por completo deste escrito e, apesar do seu desejo de aumentar o número de publicações, não parece ter pensado nunca em o dar à estampa. Apenas, no fim da vida, lhe fez referência, introduzida por esta nota pessoal: “Pela minha parte, lembrarei que, quando estudante de Medicina, tencionava dedicar-me à Dermatologia, projecto que deixei quando pus de parte aquela ciência”<sup>(23)</sup>.

Pedi ao meu amigo Juvenal Esteves, professor de Dermatologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, que examinasse cuidadosamente o manuscrito: a matéria interessou-o tanto que publicou sobre ela a substancial notícia que a seguir se extracta ou se condensa<sup>(24)</sup>. “A estrutura desta parte do manuscrito [a Introdução] mostra bem a futura personalidade científica do autor, não só na preocupação de fazer um trabalho de conjunto conforme as tradições clássicas, mas também no encadeamento e relação dos vários factores gerais com que procura estabelecer conceito pessoal da etiopatogenia das dermatoses.”

---

<sup>(23)</sup> *Etnografia Portuguesa*, t. IV, p. 469 (“Caractéres patológicos”, apontamentos de várias épocas ordenados, pela última vez, por 1938).

<sup>(24)</sup> Juvenal Esteves: “O Prof. José Leite de Vasconcellos e a Dermatologia”, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Dermatologia e Venereologia*, Lisboa, 1949, VII, 2.

As dermatoses em Portugal, em especial a lepra, “doença de particular interesse para os etnógrafos e estudiosos da vida do povo em geral”, são bem estudadas na sua distribuição geográfica e nas relações com o ambiente, os hábitos e costumes da população; o autor procura averiguar, através das vicissitudes da história, a aparição e a evolução da terrível doença entre nós. “De grande interesse é o capítulo relativo à sistemática dermatológica”. Examina as classificações correntes, critica a falta de homogeneidade das suas bases e, discordando delas, “para acomodar as observações que adiante reúne”, delineia um esboço original, com base nas “grandes funções cutâneas interessadas pela lesão”.

“Esta classificação, pensada com largueza, serviu para ordenar o seu material clínico, que constitui a parte principal do trabalho... Este conjunto de 41 observações de doentes lê-se com o maior interesse. Abrange grande variedade de entidades, revela conhecimento concreto da matéria e a utilização dos recursos técnicos da época... Mas é sobretudo notável o carácter essencialmente pessoal da interpretação, raramente apoiada na inevitável consulta bibliográfica... O que impressiona sobretudo na leitura destas notas clínicas é a simples mas expressiva naturalidade com que os factos são narrados, o que dá em cada caso uma imagem fresca e viva de cada doente e do seu ambiente...”

“A marca do etnógrafo é abundantemente demonstrada no cuidado com que recolhe as expressões e a nomenclatura populares das dermatoses. Por vezes são frases completas, em que o doente exprime, na linguagem da sua região, os aspectos objectivos, evolutivos e os sintomas subjectivos da dermatose que o apoquento. Procura estabelecer relações entre a nomenclatura popular e a da linguagem médica, discutindo o significado, a grafia e a origem das diferentes expressões. Em relação à nomenclatura normal é também de interesse a leitura do manuscrito, pois fornece elementos valiosos para a linguagem dermatológica nacional...”

“Não podemos deixar de nos impressionar ante o interesse deste trabalho, executado por um estudante seguramente sem recursos de informação e de escola. O seu conteúdo é essencialmente o produto do autodidatismo do autor, que foi um dos traços característicos da sua personalidade.

“O manuscrito revela organização científica e literária, espírito de síntese, carácter de precisão no estudo dos doentes e expressão clássica nas descrições. Não se trata de uma colectânea de casos em que os aspectos de curiosidade ou de raridade dos factos observados tenham ocupado a



mente do observador. Trata-se dum conjunto de observações clínicas conduzidas com espírito interpretativo e reunidas numa base sistemática, seguramente pensada, com o fim de obter ordenação e relações entre factos dispersos. O pensamento do autor é bem concreto nesse sentido: “os fenómenos não constituem rigorosamente ciência senão quando se acham subordinados a um principio geral que os domina”.

“A dermatologia deve ter atraído José Leite de Vasconcellos em virtude da variedade de expressão morfológica característica desta especialidade. O interesse pela linguagem popular, pelos hábitos dos indivíduos, seus locais de origem e distribuição geográfica das doenças, e a relação destes factos com a etiopatogenia das dermatoses por ele estudadas, revelam neste trabalho o espírito de naturalista que é bem patente em toda a sua obra de etnógrafo.

“Ao dar a público a notícia acerca deste manuscrito, tivemos não só a intenção de revelar um aspecto episódico, mas cheio de interesse, da vida de um dos maiores eruditos da nossa terra, mas também a de divulgar a existência de um documento que, de alguma maneira, constitui um subsídio de importância para a história da Dermatologia portuguesa.”

Este autorizado depoimento revela, por um lado, uma faceta desconhecida da actividade de Leite de Vasconcellos num campo cedo sacrificado a mais fortes predilecções, por outro, a perfeita unidade do seu vigoroso temperamento de investigador. Nesta excursão episódica pela Medicina, o simples principiante, de que o autor nunca passou, mostra perfeito domínio do assunto, originalidade no exame dos princípios gerais, notável segurança no método de observação e, portanto, capacidade de trazer para os estudos médicos um contributo original, assim nos factos como nas ideias. Tanto é certo que um grande espírito, seja qual for o lado para que se volte, em tudo deixará a marca indelével da sua personalidade!

Este foi, na verdade, o único trabalho de Leite de Vasconcellos dentro da Medicina. Durante muito tempo as Escolas Médicas deixavam aos alunos grande liberdade de escolha da dissertação inaugural que às vezes versava apenas remotamente assunto afim da Medicina (João Barreira, pouco mais novo que Leite, que depois se havia de dedicar à Literatura e cultivar com muita proficiência a História da Arte, apresentou como tese *O delírio das negações!*). Leite escolheu um tema de Antropologia, mas estreitamente relacionado com estudos mais da sua predilecção e competência:

“Tendo-me consagrado mais ou menos ao estudo da Linguística, tentei aliar os conhecimentos que colhera nessa ciência aos que o meu curso médico me dera, e elevar-me assim à compreensão filosófica e total da linguagem: quando, porém, comecei a organizar o meu trabalho, vi a loucura da empresa, porque o assunto era demasiado vasto e difícil para forças tão débeis como as minhas, e de mais a mais no pouco tempo que as minhas obrigações me deixavam livre para meditar e colher notas; em todo o caso, preferi fazer coisa incompleta a interromper o plano primitivo.

“Esforcei-me por apresentar alguns factos originais, e aproveitar o que encontrara mais importante na nossa literatura, porque é dever de quem escreve dar aos seus escritos, além da feição individual e própria, feição nacional. No estilo fui sóbrio, não empregando sequer um adjectivo inútil; creio que, nas obras didácticas, à seriedade da ideia deve corresponder sempre a seriedade da forma”<sup>(25)</sup>.

*A Evolução da Linguagem*, dissertação inaugural apresentada à Escola Médico-Cirúrgica do Porto em 1886, divide-se em três partes: Fisiopsicologia, Glotologia e Patologia, sendo apenas a última propriamente de Medicina. As dez proposições, que os candidatos eram obrigados a defender nas principais cadeiras do ano, andam todas à roda do mesmo tema, desde “a laringe na série animal” e do “grupo nosográfico bem definido fisiologicamente”, constituído pelas perturbações da linguagem, ao caso dos surdos-mudos, ao melhor método de ensino para eles e à conveniência, para a fala e o canto, da respiração abdominal.

A experiência pessoal de Leite era já muito vasta, quer no estudo da linguagem e das tradições populares, quer no próprio exercício poético a que largamente se entregou na juventude. Antes da dissertação do fim do curso publicara já o autor 46 títulos em Poesia, 70 em Etnografia, 73 em Filologia, tentara uma sistematização, admirável de rigor e de largueza, das *Tradições Populares de Portugal* e fizera a famosa “descoberta” do *Dialecto Mirandês*, com a qual ganhou um prémio internacional. Aos vinte e oito anos, quem ambicionara, na infância, ser “um escritor público”,

---

<sup>(25)</sup> *Opúsculos*, vol. I, Filologia., Coimbra. 1928. pp. 9-10.



tornara-se um autor citado e louvado entre nós e lá fora. O júri deve ter escutado com respeito e admiração as provas deste rapaz sisudo, que trabalhava com afincos e com discernimento invulgares, devotado à Ciência e já aureolado pela celebridade. Ao estudante da Escola Médica do Porto, que tanta vez colocara, com apreço, este título por baixo do seu nome, conferiu o prémio de Macedo Pinto, por ter sido “o mais distinto dos alunos que findaram o curso no ano de 1886”.

Apreciando, na velhice, o próprio labor, quando da arrumação definitiva dos dispersos, nos *Opúsculos*, Leite de Vasconcellos não hesitou em considerar a sua dissertação como obra de Filologia e com ela abriu a série dos seis volumes até hoje publicados.

“Entre os trabalhos que compõem o volume I, há um, *A Evolução da Linguagem*, um pouco maior que os restantes, e que foi a dissertação que apresentei à antiga Escola Médico-Cirúrgica do Porto, quando me formei em Medicina (1886). Hesitei a princípio se o incluiria nos *Opúsculos*, ou o reeditaria à parte, visto que, logo após a formatura, continuei a reunir apontamentos do assunto, à mercê das minhas leituras. Como, porém, em fins de 1887, deixei a Medicina, para me consagrar somente às outras ciências a que já me dedicava quando a estudei, ser-me-ia agora muito difícil aproveitar no meu trabalho, para o actualizar, alguns dos enormes progressos que a Fisiologia e a Patologia realizaram desde então (quando muito, poderia actualizá-lo no que concerne à Glotologia, apesar do não menor incremento que também tomou, pois vários dos seus ramos alargaram-se ultimamente, e até surgiram ramificações novas). Por consequência, reproduzi o livrinho como estava; apenas lhe introduzi aqui e além uns tantos melhoramentos, sobretudo no estilo. Tal como o entreguei pela primeira vez ao prelo, e o reentrego agora, representa o que em matéria tão nova em Portugal consegui levar a efeito, vai para meio século, no Porto, sem laboratórios, quase sem bibliotecas, e unicamente guiado pelo natural desejo de acertar”<sup>(26)</sup>.

Por menos de um ano serviu Leite a Medicina. Abriu consultório no Porto, na Rua do Heroísmo, e logo concorreu e obteve um partido médico no Cadaval, onde tinha parentes e umas leiras de terra, até ser colocado como bibliotecário, em 1887, na Biblioteca Nacional de Lisboa, cidade onde vai desenvolver-se a sua actividade científica e docente. Dos

---

<sup>(26)</sup> *Opúsculos*, ob. e vol. cit., pp. 8-9.

estudos de Ciências Naturais e de Medicina, que fizera no Porto, trouxe a exigência de exactidão e o recurso constante a análise observadora, que imprimem à obra imensa que realizou no campo das Ciências Humanas um toque de “naturalista” — marca de origem da sua iniciação na Ciência e a que mais quadrava ao pendor rigoroso do seu espírito.